



OBITUÁRIO

Jiang Zemin, 96 anos, ex-líder chinês

Responsável por transformar o país asiático em potência global morre devido a leucemia e falência múltipla de órgão. Trajetória política também é marcada por denúncias de corrupção e controle da imprensa

Responsável por comandar a transformação econômica, militar e política da China a partir do fim dos anos 1980, Jiang Zemin morreu ontem, aos 96 anos, vítima de leucemia e falência múltipla de órgãos, segundo a agência de notícias estatal Xinhua. Jiang se tornou líder do Partido Comunista após a repressão da Praça da Paz Celestial, em 1989. Assumiu a Presidência três anos depois e levou o país a emergir como uma potência global. A trajetória política também foi marcada por pontos polêmicos, como denúncias de corrupção e rígido controle da imprensa.

A morte de Jiang foi anunciada por meio de uma carta das autoridades chinesas direcionada ao Partido Comunista, às forças militares e ao povo chinês. "O camarada Jiang Zemin foi um líder excepcional (...), um grande marxista, um grande revolucionário proletário, estadista, estrategista militar e diplomata, um combatente comunista de longa data e um líder excepcional da grande causa do socialismo com características chinesas", afirma o texto, citado pela agência oficial.

Após a notícia, os sites da mídia estatal apareceram em preto e branco, exibindo a foto de um crânio nas contas da rede social Weibo. As bandeiras foram hasteadas a meio mastro nos edifícios públicos do país. O presidente russo, Vladimir Putin, foi um dos primeiros líderes mundiais a prestar homenagem ao chinês. "Como um amigo sincero de nosso país, Jiang Zemin fez uma contribuição inestimável para o desenvolvimento das relações sino-russas e as levou ao nível de uma parceria de confiança e de interação estratégica", disse, de acordo com comunicado divulgado pelo Kremlin.

Nas ruas de Xangai, muitas pessoas entrevistadas pela agência France-Presse de Notícias (AFP) preferiram não comentar a morte. Uma delas disse se tratar de um "tema muito delicado". "Havia muitos problemas de corrupção na época, mas era uma pessoa animada e jovial (...) Talvez, essa seja a imagem que as pessoas têm dele", declarou Wang Yi, moradora de Pequim.

Quando assumiu, em 1989, o

posto de secretário-geral do Partido Comunista da China, Jiang era considerado, por muitos analistas, um líder de transição — havia chegado sob elogios por conter as manifestações em Xangai de maneira pacífica na época da repressão da Praça da Paz Celestial, em Pequim. O então dirigente do partido em Xangai surpreendeu a todos e permaneceu 13 anos no comando da formação (1989-2002) e uma década como chefe de Estado (1993-2003).

O seu sucessor, Hu Jintao, recebeu um país que havia se tornado membro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, conquistado o direito de organizar os Jogos Olímpicos de 2008 e avançava para assumir o papel de superpotência. Jiang não saiu de cena. Segundo analistas, ele e seu grupo, conhecido como Shanghai Gang, continuaram a influenciar a política do regime comunista por muito tempo, incluindo a eleição de Xi Jinping como presidente em 2012. Com o tempo, Jinping, que conquistou recentemente o terceiro mandato, foi firmando sua presença como novo líder.

Caras e óculos

Natural da província de Jiangsu (leste), Jiang nasceu em 1926 em uma família relativamente rica da cidade de Yangzhou e cresceu sob a ocupação japonesa durante a guerra. Participou de movimentos estudantis clandestinos e entrou para o Partido Comunista em 1946. Quase 40 anos depois, tornou-se prefeito de Xangai, em 1985, e, logo em seguida, líder do Partido Comunista na região.

A ascensão até o comando do gigante asiático foi estimulada pelo ex-líder Deng Xiaoping, que escolheu o então engenheiro eletricitista, fã de música clássica e pianista amador, como sucessor. Também eram marcas de Jiang os flagrantes de diversas expressões faciais e os pesados óculos de armação preta, considerados antiquados.

Como presidente, Jiang se tornou um ferrenho defensor da "reforma e abertura" promovidas para retirar o povo chinês da pobreza. "Sem abordar primeiro o problema (da sobrevivência econômica), será difícil obter qualquer outro direito",

AFF



A ascensão no Partido Comunista se deu após o massacre na Praça da Paz Celestial, em 1989, em Pequim

declarou, em 1997. Um ano depois, prometeu "cortar pela raiz qualquer fator de desestabilização". A imprensa trabalhou sob rígida subserviência e os dissidentes receberam duras penas de prisão, sendo alguns enviados para o exílio depois do período em detenção.

O plano de reformas avançou sem enfrentar qualquer oposição organizada, provocando, ao longo do caminho, o fechamento de fábricas consideradas não lucrativas, desigualdades sociais flagrantes, corrupção e destruição do meio ambiente. Jiang Zemin era casado com Wang Yeping. O casal teve dois filhos.

Luto e repressão a protestos

A morte do ex-líder chinês Jiang Zemin se deu em um momento em que o país registra os maiores protestos desde 1989 — à época, ele começou a se destacar no Partido Comunista em meio à forte reação da população por liberdade. Agora, as pessoas estão indo às ruas contra quase três anos de rígidas políticas de combate à pandemia da covid-19.

Ontem, o principal órgão de segurança da China pediu

a adoção de "medidas enérgicas", após vários dias de manifestações nas principais cidades do país. Um pouco antes, houve fortes confrontos entre manifestantes e a polícia em Guangzhou (Cantão). No último fim de semana, haviam explodidos protestos na capital, Pequim, e em outras cidades, como Xangai e Wuhan.

É também nesse contexto de tensão que Pequim recebeu, ontem, a visita do

presidente do Conselho Europeu, Charles Michel. Ele deve se reunir hoje com o presidente chinês, Xi Jinping. O secretário de Estado americano, Antony Blinken, criticou a repressão no gigante asiático, que, segundo ele, não é "um sinal de força", mas de "fraqueza". Os protestos também tomaram um rumo político, com alguns manifestantes pedindo a renúncia do presidente.

FAMÍLIA REAL BRITÂNICA

Integrante do séquito do rei é denunciada por racismo e pede demissão

Uma importante integrante da comitiva real britânica pediu demissão, ontem, após denúncia de que teria feito "comentários inaceitáveis" sobre as origens de uma ativista negra durante uma recepção no Palácio de Buckingham. Ngozi Fulani, diretora da organização de defesa das vítimas de violência de gênero Sistah Space, relatou que uma pessoa do séquito havia lhe perguntado insistentemente sobre suas origens durante o evento para aumentar a conscientização sobre a violência contra mulheres e meninas oferecido, no dia anterior, pela rainha consorte, Camilla.

Na acusação feita em sua página no Twitter, a ativista se referiu à mulher como Lady SH, e veículos de imprensa britânicos a identificaram como Susan Hussey, 83 anos, que é madrinha de William e foi, durante décadas, dama de companhia de Elizabeth II. Camilla suprimiu a figura das damas de companhia, mas Hussey foi mantida



Foram feitos comentários inaceitáveis e realmente lamentáveis (...) a pessoa em questão (...) deixou sua função honorária com efeito imediato"

Trecho da nota divulgada pelo palácio real

como membro da comitiva.

Fulani escreveu que, 10 minutos após a sua chegada, uma mulher mexeu em seu cabelo para ver a identificação que levava presa ao peito, perguntando-lhe

AFF



Caso ocorreu, na terça, em evento da rainha consorte, Camilla, de conscientização sobre a violência de gênero

de onde era. A ativista informou que havia nascido e crescido no Reino Unido e, segundo ela, a mulher insistiu: "Não, mas de onde vem na África?", "Não, mas de onde é realmente, de onde é

seu povo?", "Quando vieram pela primeira vez?". Fulani contou, ainda, que ela e suas duas acompanhantes ficaram "atordoadas e sem palavras".

O palácio real disse levar

"extremamente a sério" a denúncia. "Foram feitos comentários inaceitáveis e realmente lamentáveis", admitiu, em nota, acrescentando que "a pessoa em questão deseja expressar

suas mais profundas desculpas e deixou sua função honorária com efeito imediato".

O caso coincidiu com o início da primeira viagem de William como príncipe-herdeiro aos Estados Unidos, onde seu irmão, Harry, mora desde 2020 com a esposa, a ex-atriz Meghan Markle, que é mestiça. O casal deixou a família real britânica alegando, entre outras coisas, ter sido alvo de comentários racistas.

A jornalista, um porta-voz de William e de sua esposa, Catherine, em Boston disse que ficou "muito decepcionado com o ocorrido". "Obviamente, não estava lá, mas acho que é importante, para mim, esclarecer que o racismo não tem cabimento na nossa sociedade", acrescentou.